

A educação como ato político e prática da liberdade

*Geraldo Balduino Horn
Edinei Marcos Grison*

Caro leitor, desde 2018, o NESEF-UFPR vem organizando em parceria com a APP-Curitiba Norte e outros núcleos sindicais da região metropolitana de Curitiba e do interior do estado do Paraná, ciclos de leitura, debates e estudos das obras de Paulo Freire. A partir de 2019, também o Departamento de Planejamento Educacional, do Setor de Educação (DEPLAE-UFPR), passou a compor a coordenação deste projeto de formação continuada. Ao longo desses quatro anos organizamos três (03) ciclos de leitura e estudos das obras de Paulo Freire. Nesta edição d'O Sísifo você terá contato com os resultados das atividades desenvolvidas de dois grupos que, com base nas reflexões realizadas, corresponderam cartas entre si de junho a setembro de 2021.

O I Ciclo, de 2018, teve o objetivo de possibilitar a leitura, análise e discussão da obra *Pedagogia do Oprimido* aos(as) professores(as) e funcionários(as) das escolas públicas e instituições privadas. Intencionou-se, com o estudo instigar a organização coletiva no interior das escolas, a fim de resistir aos processos de mercantilização, de desvalorização profissional e de práticas de patrulhamento ideológico das políticas educacionais contemporâneas. Mais de 800 professores(as) e servidores(as) de escolas estaduais se inscreveram no Ciclo e participaram dos grupos de estudos estruturados com base na metodologia freiriana; desses(as) inscritos(as), 630 cumpriram a carga horária mínima e desenvolveram as atividades exigidas para obtenção de certificado.

O II Ciclo ocorreu entre setembro de 2019 e maio de 2020, com carga horária total de 70 horas. Ofertado em forma de extensão com registro no sistema SIGEU-UFPR, este ciclo visou a oportunizar o conhecimento do pensamento de Paulo Freire, ampliando a formação político-pedagógica, instigando a prática da leitura crítica pelos educadores(as) e demais participantes do Ciclo e estabelecendo, pela leitura de Freire, reflexões e estudos sobre a organização do trabalho pedagógico nas escolas e sobre as políticas educacionais contemporâneas. 810 cumpriram as exigências institucionais para receber o certificado.

É importante ressaltar, conforme descrito no projeto, que a metodologia utilizada neste Ciclo foi amplamente discutida pela comissão organizadora, justamente para garantir o sentido e espectro teórico-metodológico freiriano da proposta de estudo, sendo organizada da seguinte forma: (a) os Grupos de Leitura e Estudos foram

organizados por escolas, municípios ou núcleos sindicais da APP-Sindicato distribuídos no estado do Paraná conforme adesão dos interessados; (b) Os(as) integrantes dos grupos realizaram a leitura do livro *Pedagogia da Autonomia* – saberes necessários à prática educativa, de Paulo Freire, bem como outros textos ligados à temática, indicados pela Coordenação do Ciclo para o estudo coletivo em cada um dos encontros; (c) Os grupos realizaram 5 encontros para ler e discutir, de forma coletiva, os capítulos do livro definido e outros textos indicados pela Coordenação.

Já o III Ciclo teve como tema os 100 anos de Nascimento de Paulo Freire e elegeu para leitura e reflexão a obra *Educação como prática da liberdade*. Com mais de 2.500 pessoas inscritas, a abertura do ciclo ocorreu no dia 19 de março de 2021 e seu encerramento ocorreu em setembro. A metodologia deste Ciclo foi pensada a partir da troca de cartas entre os grupos de discussão de acordo com as seguintes orientações estabelecidas pela coordenação:

(a) a troca de cartas entre os grupos é uma ação fundante da metodologia deste Ciclo de Leitura e Estudos de Paulo Freire; (b) após cada encontro, o grupo deverá elaborar uma carta a ser encaminhada a outro grupo de leitura indicado pela Coordenação

do Ciclo; (c) a Coordenação buscará, na medida do possível, escolher grupos para a troca de cartas que contemplem diferentes lugares, realidades e coletivos; (d) a carta deverá ter como ponto de partida o processo de reflexão sobre a leitura realizada, o debate entre os/as integrantes do grupo e, especialmente, a sua relação com o contexto humano pedagógico em que o grupo se insere; (e) no quinto encontro, a ser realizado em julho/agosto de 2021, os/as integrantes, a partir das reflexões construídas nos encontros e nas correspondências trocadas, escreverão coletivamente uma carta, a ser publicada na página do Ciclo no Facebook.

Para mostrar, ao menos em parte, o que foi esta experiência, a edição d'O Sísifo de setembro publica a troca de cartas realizadas entre o grupo GE-NESEF Paulo Freire, de Curitiba - PR, e o Grupo "Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar", de Florianópolis - SC. Estas cartas foram escritas coletivamente e trocadas entre os dois grupos correspondentes durante o período do ciclo (abril-setembro/2021). Publicamos as oito (08) cartas na íntegra e na ordem correspondente ao período que foram enviadas de um grupo para outro.

Saudações filosóficas!!!

Boa leitura!!!

“Necessitamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política.” (Paulo Freire)

Carta I - NESEF

Curitiba, maio de 2021

Ao “Grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar”, saudações Freirianas!

Em diálogo com o poema de Pablo Neruda: “Oda al Hombre Sencillo”, dizemos: Vou te contar em segredo quem sou [somos] eu [nós], assim, em voz alta, me dirás quem és, quero saber quem és. [...] Assim também encontro a unidade dos homens [...]

Com este espírito de acolhida, conexão, diálogo nos apresentamos como o Coletivo NESEF- UFPR de Leitura e Estudos em Paulo Freire.

O NESEF (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino da Filosofia) tem mais de duas décadas de existência. É um Núcleo vinculado ao setor de Educação e à linha de pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação do PPGE-UFPR, constituído por professores/as de filosofia da Educação Básica e do Ensino Superior, professores da área de humanidades e por estudantes de graduação, de ensino médio, mestrado e doutorado. Tem por finalidade debater questões relacionadas à educação filosófica/ensino de filosofia, bem como promover formação acadêmica e desenvolver iniciativas no sentido de consolidar a presença da disciplina de Filosofia (e das humanidades) nos currículos escolares, especialmente, no Ensino Médio.

Muitos são os aspectos das vidas, das gentes que fazem parte deste nosso coletivo. Deste modo, organizamos uma breve apresentação de cada um/uma com suas trajetórias, vivências e intenções de estudo em Paulo Freire.

Meu nome é Maria Carolina Gualberto Lomba, sou estudante, da área de Humanas, uma eterna aprendiz e como diz Paulo Freire “somos seres inacabados”, ou seja, estamos em constante aprendizagem. Estudo Paulo Freire, pois é uma Pedagogia do Amor, da Libertação, da Humanização, da Conscientização e da Emancipação, que inclui o ser humano de fato na transformação da sociedade e da história. É uma pedagogia por um mundo melhor e mais justo.

Me chamo Luana do Carmo Rodrigues, tenho 23 anos e estou no último ano da graduação em Filosofia na UFPR (Licenciatura e Bacharelado). Sou mascote e integrante do NESEF-UFPR. Minha paixão por Paulo Freire se iniciou no ensino médio, foi ele que me ensinou a ter voz e ser sujeito antes da revolução. Hoje, em meu TCC, busco explorar o paradigma da libertação de Freire, em conjunto com o conceito de hegemonia proposto por Gramsci e reelaborado por Raymond Williams, para pensar a educação remota emergencial paranaense em tempos de COVID-19.

Olá, meu nome é Juraci Santos, sou professora de História da rede estadual de ensino do Paraná. Ler e discutir as ideias de Paulo Freire no contexto atual é um ato de resistência. É com esse sentido que faço parte do curso,

resistir à educação fascista que tentam impor à educação pública.

Olá, sou o Paulo Renato Araújo Dias, professor de História e Filosofia na região metropolitana de Curitiba desde 2006. A importância de Paulo Freire, nesse momento histórico que estamos atravessando, nos ajudará a fazer a leitura de mundo necessária das ferramentas tecnológicas que tiram a autonomia dos que dela fazem uso.

Me chamo Antonio Djalma Braga Junior. Sou Filósofo, Historiador, professor e escritor. Possuo doutorado em Filosofia e hoje estou professor na Universidade Positivo e no Colégio Madalena Sofia. Meu interesse por Paulo Freire é de longa data, mas nunca consegui aprofundar meus estudos em suas obras. Penso que esse é o momento oportuno para isso.

Me chamo Mayco Delavy. Sou formado em Filosofia e atuo como professor de Filosofia na rede pública estadual e como orientador pedagógico na rede privada de Curitiba. Sou integrante do NESEF-UFPR. Estudar Paulo Freire nesses tempos sombrios, de retrocessos políticos, econômicos e sociais é uma oportunidade de reconhecimento e resistência às raízes desiguais da formação da cultura brasileira.

Me chamo Geraldo Balduino Horn. Filho de mãe alfabetizadora pai pequeno agricultor (agricultura de subsistência). Sou professor de Filosofia e História. Atuei na educação infantil (creche), ensino fundamental e médio. Atualmente leciono no curso de licenciatura em Filosofia e no PPGE-UFPR e coordeno o Coletivo NESEF. Em meados dos anos de 1980 lia Paulo Freire em razão do “método” de alfabetização, depois continuei lendo atento à concepção filosófica de sua pedagogia, hoje leio porque entendi que aprender uma teoria pedagógica é muito importante, mas mais importante ainda, nesse caso, é colocá-la em prática.

Sou Everton Marcos Grison, bacharel e licenciado em Filosofia pela UFPR, especialista em Educação das Relações Étnico Raciais pela UFPR e em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio pela UNICENTRO. Mestre em Filosofia pela UFPR e doutorando em Educação pela UFPR, com projeto que investiga a saúde mental dos professores do estado do Paraná, sob orientação do prof. Dr. Geraldo B. Horn (UFPR) e o prof. Dr. Benito Maeso (IFPR). Desde a graduação, os temas da autonomia, da liberdade e da constituição do sujeito estiveram muito presentes em meus estudos e Paulo Freire passou a ter uma importância grande, seja nas reflexões sobre estes e outros aspectos que envolvem a pesquisa em Educação, ou na prática docente enquanto professor de Filosofia, no ensino público e privado, em Curitiba.

Sou o Edson Teixeira de Rezende, formado em Filosofia com mestrado e doutorado em Educação. Trabalho na rede estadual de educação paranaense como professor de Filosofia e no ensino superior como professor de Filosofia e ética e relacionamento ético multicultural. Participante do NESEF-UFPR e reconheço que o conhecimento é fruto de um trabalho coletivo, e estudar Paulo Freire implica em aprofundar o método dialógico e o processo ensino aprendizagem que promove autonomia,

analisar como promover uma educação libertadora com opção pelos oprimidos.

Meu nome é Márcia Dos Santos De Rezende, formada em Letras Português-Espanhol, sou professora do ensino básico na rede estadual do Paraná. Estudar e atualizar -se em Paulo Freire para seguir e aplicar sua metodologia emancipadora e libertadora do sujeito, acreditando e lutando por um futuro melhor através da educação.

Sou o Bernardo Kestring, formado em Filosofia, concursado em História na rede estadual do Paraná. Professor no ensino superior privado. Sindicalista. Ler Freire para encontrar algum alento no desempenho da atividade educacional na atual conjuntura tão desfavorável. É preciso resistir com esperança.

Sou Claudinei dos Santos Dias, formado em Filosofia pela UFPR e em Teologia pela PUCPR e quase um economista pela UFPR. Atualmente, sou mestrando em Educação pela UFPR. Atuo como professor de Filosofia na rede pública e também na rede privada do Paraná. Para que o processo educativo seja transformador, realizando o ideal da modernidade europeia de emancipação, de autonomia reflexiva e de caráter humanizador, é primordial aprofundar-se no estudo de Paulo Freire, que nos faz entender a necessidade de uma educação de resistência, mas também libertadora da condição alienante e indigna a que nosso povo é submetido na contemporaneidade, especialmente os mais pobres entre nós.

Sou Márcia Paes Leme, formada em Serviço Social pela Universidade Federal de Uberlândia, servidora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), lotada na Coordenação de Apoio ao Estudante, atuo com os programas de Assistência Estudantil e no atendimento das demandas de alunos, pais e comunidade externa. Gosto de estudar temas relacionados às questões sociais, desigualdade social e os impactos gerados pelo processo capitalista de exclusão social. Na graduação trabalhei com adolescentes em conflito com a lei, em cumprimento de medidas socioeducativas. No momento estou concluindo o mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal Goiano (IFGoiano), com uma pesquisa sobre a formação educacional e profissional como política de reintegração social dos sujeitos privados de liberdade. Foi no mestrado que tive o primeiro contato com Paulo Freire, foi uma paixão à primeira vista. Como eu, que gosto tanto de trabalhar com questões sociais, nunca tinha lido Freire. Hoje eu consigo ver a grandeza desse escritor e o quanto ele contribuiu e contribui para a educação, principalmente no que tange à educação como possibilidade de libertação do pensamento crítico e de elevação das massas. Nesse sentido, é impossível falar de educação para sujeitos marginalizados, como aqueles que estão privados de liberdade, sem trazer as reflexões de Freire.

Sou Marco Túlio da Silva, natural e residente em Uberlândia (MG), 25 anos de idade. Sou formado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação

em História Social da UFU. Atualmente sou graduando em Direito pela mesma Universidade (UFU). Sou membro do Núcleo de Estudos Históricos da Arte e da Cultura (NEHAC-UFU) no qual realizei alguns trabalhos voltados à interseccionalidade entre História e Literatura, resultando no meu trabalho monográfico intitulado "A história que a História não conta: a tragédia brasileira na Literatura de Chico Buarque de Hollanda". Atualmente, a nível de pós, desenvolvo pesquisa voltada à interseccionalidade entre História, Direito e Psiquiatria tendo o Sanatório Espírita de Uberlândia como foco de análise. Na graduação em Direito desenvolvo pesquisa com tema aproximado, sob o viés jurídico. Me aproximei do grupo de Estudos sobre Paulo Freire no intuito de compreender melhor não só os seus escritos e a sua importância para o Brasil, como também para me municiar, como educador, dos pressupostos básicos de uma didática inclusiva, democrática e plural preconizada por ele. Espero, nesta oportunidade, poder acrescentar ao grupo e propor reflexões e práticas que converjam para a construção de um país mais democrático e menos desigual! É um prazer estar aqui com vocês!

O meu nome é Márcia Vilela Valdier; o percurso que escolhi para formação, primeiramente pessoal, foi Letras e, assim, atuo como educadora; outro caminho que estou percorrendo é a Licenciatura em Geografia, buscando complementar a formação cidadã e a capacitação docente. A vivência como educadora tem sido nos estados de MG e RJ e como educanda na UFViçosa, buscando compartilhar saberes para pensarmos e lutarmos por uma sociedade menos desigual e, por isso, Paulo Freire é a nossa inspiração e motivo de resistência ao momento político atual e (re) existência humana.

Sou Josarlete Magalhães Soares, professora no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa. Sou graduada em Arquitetura e Urbanismo, um bacharelado, e na pós-graduação transitei pelos campos da História e da Sociologia. Portanto sou professora sem ter uma formação pedagógica específica. Me dando conta disso, tenho buscado essa formação e nessa busca me encontrei com Paulo Freire. O que me abriu um universo de possibilidades não apenas na educação formal, mas também nas práticas do fazer arquitetônico contemporâneo.

Sou Maria Suzanete Cavalcanti de Oliveira, Assistente Social, trabalho na área de Saúde e sou voluntária de uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes. O meu desafio de estudar Paulo Freire é por se identificar com sua visão de homem e de mundo.

Sou Giselle Moura Schnorr, educadora popular, professora no Colegiado de Filosofia e no Programa de Mestrado Profissional - PROF-FILO, na Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, campus de União da Vitória onde, também, coordeno o Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire. Graduação em Filosofia, com mestrado de doutorado em Educação. Integrante do NESEF/UFPR e da REDYALA (Rede Latino-Americana de Diálogos Interculturais, Decolonialidade e Bem Viver. Conheci escritos de Paulo Freire na década de 80 quando trabalhava

com adolescentes em situação de rua e desde então revisito seus escritos como fonte de aprendizagens para qualificar minha práxis como educadora. Atualmente desenvolvo estudos sobre as contribuições da pedagogia freiriana na práxis filosófica intercultural e libertadora.

Sou Hélio Camilo Rosa, mineiro da cidade de Santana do Paraíso. Professor da Educação Básica desde 1994, lecionei em escolas públicas dos Estados de Minas Gerais, Rondônia e atualmente sou professor de Filosofia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre - CAP-UFAC. Sou doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Especialista em História de Minas e Graduado em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Paulo Freire ensina a repensar minha atuação enquanto professor e a construir uma escola pública de qualidade, democrática e transformadora.

Sou Euliane da Silva Gonçalves. Migrante e por enquanto estou há 19 anos em Porto Velho, Rondônia. Sou, por opção, Filósofo educador, formado em Filosofia e Pedagogia. Atuei na educação infantil, rural, indígena, popular, periférica, de alto rendimento, superior, pública, particular, municipal, estadual, religiosa e federal. Em meio a luta pela sobrevivência encontrei em Paulo Freire a referência para preencher o vazio oriundo do ativismo profissional. Atualmente estou muito contente em ter a oportunidade de participar online do NESEF que está favorecendo minha busca epistemológica em favor de uma sociedade cada vez mais humana.

Sou Edinei Marcos Grison, licenciado em Filosofia pela Faculdade São Boaventura, curso este reconhecido pela UFPR, licenciado em Sociologia, especialista em Psicologia, práticas sociais e desafios contemporâneos pela UNOCHAPECÓ e em Mídias na Educação pela FURG. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Sou professor de Filosofia e Sociologia na rede pública e privada de Santa Catarina. Em minha trajetória acadêmica busquei compreender a formação das representações sociais, a partir de noções espontâneas compartilhadas entre os agrupamentos humanos. Estudar Paulo Freire representa fome de justiça! Também destaco que Freire nos oportuniza compreender a necessária formação de sujeitos livres e conscientes para uma condição social libertadora.

Assim, somos, portanto, uma unidade, um coletivo que busca, nas palavras de Paulo Freire, a “forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo [...], de um lado, na não negação da linguagem simples, ‘desarmada’, ingênua, na sua não desvalorização por constituir-se de conceitos criados na cotidianidade, no mundo da experiência sensorial; de outro, na recusa ao que se chama de ‘linguagem difícil’, impossível, porque desenvolvendo-se em torno de conceitos abstratos”¹.

Cordialmente,

Coletivo NESEF de Estudos em Paulo Freire do estado do Paraná

Carta I – Pela Coragem - SC

Florianópolis, maio de 2021

Queridos/as colegas do Coletivo NESEF, esperamos que estejam todos/as bem! Saudações freirianas!

No dia 26 de abril de 2021 aconteceu o nosso primeiro encontro. Somos um grupo de mulheres residentes em Florianópolis/SC.

Nossas experiências com a educação são diversas, e começamos a nos conhecer ao compartilhar um pouco delas: ensino formal e informal; educação infantil e educação profissional; professora; orientadora educacional; monitora; estagiária; alfabetizadora; linguista; especialista em Educação Especial; oceanógrafa; estudante de Pedagogia... temos em comum a esperança de que uma sociedade sem opressão é possível a partir da transformação da realidade por meio da educação.

Para marcar o nosso engajamento nessa luta, nominamos o nosso grupo com uma frase de Paulo Freire presente no texto *Esclarecimento*, lido no primeiro encontro: “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar”. Em relação ao texto, vejamos só, refletimos sobre o quanto o momento político brasileiro que estamos vivendo lembra o descrito pelo autor em 1965 salvaguardadas as suas especificidades, claro. Ou seja, alterando um pouco o ditado popular, percebemos que qualquer semelhança NÃO é mera coincidência...

A leitura do poema *Ode ao Homem Simples* de Pablo Neruda nos fez refletir sobre o nosso olhar para o outro nas nossas relações. Olhamos para as pessoas como seres humanos? Nesse olhar, levamos em conta a história de cada um? Temos um olhar sensível na relação com nossos estudantes e seus familiares?

Refletimos sobre como nós, educadoras, estamos sendo olhadas. Vivemos um momento de muita insegurança e desconfiança em relação ao nosso trabalho. Precisamos provar para a sociedade a importância do nosso fazer pedagógico o tempo todo. Como os nossos dirigentes nos olham? Sentimos que oferecemos muito mais do que recebemos, não só na questão financeira, mas também no valor moral e ético atribuído ao exercício profissional no campo da educação. São muitos ataques ao trabalho docente. Talvez seja o momento de pensarmos coletivamente sobre uma “pedagogia do (professor) oprimido”.

O poema de Neruda, nos fez lembrar do filme *O Carteiro e O Poeta* (disponível no YouTube), por esse olhar sensível do poeta ao enxergar além do aparente, que vê no homem simples uma potência.

Estamos dispostas a ampliar nosso olhar como educadoras durante o Ciclo - lendo e refletindo sobre o livro de Freire - e na relação com vocês através das cartas que trocaremos. Queremos “olhar” vocês por meio das palavras!

Venceremos! Com todo afeto, Grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar” (Freire)

Carta II - NESEF

Curitiba, junho de 2021

Olá, grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar”!!

Primeiramente, esperamos que todas estejam bem!

Nosso encontro, dia 25 de junho, teve início com a leitura da belíssima carta escrita por vocês. As reflexões trazidas na escrita de vocês suscitaram um rico diálogo entre nós, inclusive com a indicação do livro premiado de Lygia Bojunga, “A casa da madrinha”. Um dos elementos destacados por quem já conhece este livro, foi o estilo singular de escrita de Lygia, com personagens o tempo todo em diálogo. Muito boa a lembrança de vocês deste livro. Infelizmente a “Escola Osarta de pensamento” segue atual, não é mesmo? Ler Paulo Freire ao lado de “A casa da madrinha” é uma excelente sugestão! Pois seguimos com cursos, escolas com currículos tipo papo, linha e filtro, o que nos mostra a atualidade de Paulo Freire. O segundo capítulo, “Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática”, da obra de

Paulo Freire, “Educação como prática da liberdade”, nos inspira e encoraja a lutarmos e resistirmos constantemente a essa alienação e exploração que nos assola há anos.

Percebemos que uma das principais essências que nos encaminha para a democracia, é o diálogo, a discussão, o debate e de fato uma participação efetiva na transformação da sociedade e humanidade. Porém, como analisa Paulo Freire o nosso processo de colonização demarca uma experiência de exploração, dominação de isolamento, uma organização que trata as pessoas comuns como inferiores e sendo reservado a violência, a alimentação necessária para sua exploração e as vestes que escondem e evidenciam que vivemos em uma sociedade (classe dominante) que não aceita abertura para comunicações e mudanças para a melhoria da vida de todos, em especial ao povo trabalhador e explorado.

Fica explícito, a não participação e privação do povo nos processos, de cunho social, histórico, cultural, político e econômico. A luta é “grande”, mas a vontade de justiça é maior ainda. Podemos compreender o quão suas obras nos remetem a situação em que vivemos, elas são muito atuais. O incômodo de membros de uma parcela da classe dominante com a presença dos trabalhadores em aeroportos, universidades, restaurantes e demais espaços antes frequentados somente pela classe dominante, acostumada a mandar e ser servida, o diálogo proposto com uma sociedade que iniciava seu processo de transformação sofreu na atualidade um golpe assim como o processo vivido por Paulo na década de 60, para dificultar ou impedir que a população tivesse acesso às letras e como ela manifestar o seu pensamento, reivindicar o seu lugar de pertencimento nas diversas esferas da vida social enquanto os filhos da burguesia eram formados na Europa nesses

traços da colonização, as pessoas comuns foram reprimidas antes e agora novamente, demarcam as estratégias do poder para manter a sociedade fechada.

Vimos também que as indagações são diversas e inúmeras, tentamos respondê-las através de nossos enfrentamentos diários, e força que nunca nos faltou. Continuemos no caminho da rebeldia, resistência, participação, diálogo, coragem e amor, que são algumas alternativas para uma sociedade mais justa e democrática.

Como apresentado no referido capítulo, o mestre Freire faz um retrospecto da nossa história citando autores consagrados no estudo do contexto sócio-histórico-cultural em que se deu o processo de colonização das nossas terras, como e por que carregamos até hoje essas marcas de uma colonização de expropriação, dizimação e exploração marcadas com o requinte da crueldade e também de acumulação nas mãos de poucos em detrimento da exploração de muitos. Infelizmente ainda estamos sob o poder daqueles que se negam a construir uma nação e um país democrático e transformam aquilo que, segundo André João Antonil, era o domínio através de 3 P, pau, pão e pano para os escravizados, hoje estamos sob o domínio da bancada 3 B, bala, bíblia e boi no Senado nacional.

A atualidade da análise de Paulo Freire novamente foi destacada no grupo, dos desafios da construção da democracia concreta, como sabedoria de vida. Neste sentido, refletimos, também, acerca do contexto em que o livro foi escrito, da Guerra Fria, ditaduras assolando a América Latina e que Paulo Freire dialoga com importante intelectuais que contribuíram, em diversas áreas em estudos e pesquisas sobre o Brasil e a América Latina em sentido amplo, tais como a então denominada Teoria da Dependência, da natureza do Estado e do capitalismo que por aqui se desenvolve, assim com as contribuições do ISEB. Não podemos deixar de notar a absoluta ausência de mulheres intelectuais nas referências de Freire e outro aspecto que nos chamou atenção foi a ausência de menções às lutas e resistências populares, tais como Canudos, Cabanagem, Revolta dos Marinheiros, Quilombo dos Palmares, entre outros. Atualmente tem havido uma importante construção acerca da busca de superação dos silenciamentos epistêmicos e aproximar Freire desta construção nos parece salutar, pois sua intenção sempre foi a construção de conhecimentos com todas e todos em vista a transformação da sociedade. Inclusive lembramos que em Pedagogia da Esperança situa seus diálogos com representantes do movimento feminista norte-americano e de seus aprendizados com estas mulheres acerca do sexismo e machismo, que também estava expressa em sua escrita.

Desse modo, devemos sim pensar numa educação que seja libertadora no sentido de luta, transformação e que esta passa pelo nosso cotidiano. Superar o processo de política educacional que ocorre pelos dominantes para o povo, mas a prática democrática que requer a participação efetiva, portanto, os objetivos e estratégias e definições devem ocorrer com o homem comum. Romper com uso tecnicista e restrito da tecnologia, que coleta as falas, mas

só utiliza o que delas considera relevante para sua manutenção, portanto não é diálogo novamente é somente reafirmar o teor autoritário com uma aparência de participativa e aberta. A educação precisa ser entendida como uma ação política e cultural, entender essa relação como Freire pontua é perceber que no processo educativo, toda prática implica uma concepção de sujeito, formação, sociedade e isso é intencional, por isso emerge um convite de pensar que sociedade temos e qual almejamos? Como lutaremos para avançar conscientes da nossa concretude?

Coletivo NESEF de Estudos em Paulo Freire do estado do Paraná.

Carta II – Pela Coragem - SC

Florianópolis, junho de 2021

Olá, Coletivo NESEF-UFPR de Leitura e Estudos em Paulo Freire, saudações freirianas!

A carta de vocês gerou muitos insights para o nosso encontro. A história de vida de cada um de vocês muito nos inspirou. Observamos que nosso desejo de aprender mais sobre os ensinamentos de Freire, nos aproxima, apesar da distância física.

Em nossas reflexões, elencamos muitas perguntas e poucas (ou quase nenhuma) respostas, o que é muito bom, pois, inspirados em Freire, compreendemos que as perguntas são o caminho para a conscientização e libertação. Vamos dividir com vocês algumas das nossas inquietações... Como sair da alienação? Como vencer as estruturas viciadas? Como lidar com a resistência? Como romper com os hábitos, ciclos? Como ser rebelde? Como radicalizar nos nossos espaços de trabalho, de luta? Refletimos muito sobre como atuar no cotidiano na perspectiva freiriana...

A Luana, do grupo de vocês, colocou na carta que aprendeu a “ser sujeito antes da revolução”, e esse foi o gancho para dialogarmos com o capítulo 1 do livro de Freire. Entendemos que somente com diálogo saímos da passividade e promovemos a emersão. Integramos quando, em contato com outros sujeitos, buscamos intervir na realidade com eles e não para eles. E aí precisamos ter clareza dos sujeitos com quem estamos em contato.

E como ter coragem para intervir e dialogar neste contexto tão complexo e desafiador que vivemos no Brasil? O que é estrutural e o que é de nossa época nos devaneios da nossa sociedade?

Pensamos um pouco sobre a perseguição à educação e educadores que estamos vivenciando no Brasil dos últimos anos, e procuramos remeter ao período em que o texto do Freire foi escrito. Ele nos faz pensar sobre o mote do Comunismo no golpe de 1964, e que retorna com força na atualidade. Mas, diferentemente daquele momento, agora estamos sem a Guerra Fria, daí nos instigam a pensar

como ainda se cola um discurso raso como este e qual a relação com a educação? Estaríamos num caminho de libertação, haja vista que os ensinamentos freirianos possuem uma certa consolidação no meio educacional? e, se sim, estaríamos caminhando para uma sociedade mais igualitária, justa e, portanto, no que alguns julgam ser “comunismo”? ou é só retórica? Talvez tenhamos que repensar o que e como estamos trabalhando na nossa educação, daí relembramos o já dito processo de alienação.

Outros ensinamentos de Freire também foram levantados no debate, como, por exemplo, a de que seria “ingênuo achar que a classe dominante deixaria se consolidar uma educação que libertaria a classe dominada”.

A educação de base na área pública, ao menos para a experiência dos membros deste Grupo no momento deste segundo encontro, é percebida como limitada em seus aspectos estruturais-físico como sendo uma espécie de projeto para que os filhos de trabalhadores continuem a ser, na sua juventude e vida adulta, os trabalhadores dos filhos da classe dominante. Assim, compreendemos por que o debate da educação não pode estar dissociado do debate de divisão de classes na sociedade, como bem aponta Paulo Freire.

Remetendo-nos a uma análise do texto, ele procura definir o conceito de relação e integração como elementos fundamentais para a construção da sociedade brasileira em transição. Assim, nos tornamos conscientes de nossa posição na sociedade e agentes ativos para a transformação. Por isso as expressões como “subversivo” abarcam conotações pejorativas e de perseguição política, o que vigorou em boa parte do período da ditadura militar instaurada em 1964.

Por fim, uma colega do grupo, a Elisa, lembrou muito de um livro que se chama “A casa da madrinha”, de Lygia Bojunga Nunes, ficou como sugestão para leitura do nosso grupo e queremos indicar também para vocês!

Com todo afeto,

Grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar” (Freire)

Carta III - NESEF

Curitiba, julho de 2021

Olá, grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar”!

Primeiramente, esperamos que todos e todas estejam bem!

Nosso encontro, dia 25 de junho, teve início com a leitura da belíssima carta escrita por vocês. As reflexões trazidas na escrita de vocês suscitaram um rico diálogo entre nós, inclusive com a indicação do livro premiado de Lygia Bojunga, “A casa da madrinha”. Um dos elementos destacados por quem já conhece este livro, foi o estilo singular de escrita de Lygia, com personagens o tempo todo

em diálogo. Muito boa a lembrança de vocês desse livro. Infelizmente a “Escola Osarta de pensamento” segue atual, não é mesmo? Ler Paulo Freire ao lado de “A casa da madrinha” é uma excelente sugestão, pois seguimos com cursos, escolas com currículos tipo papo, linha e filtro, o que nos mostra a atualidade de Paulo Freire.

O segundo capítulo, Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática, nos inspira, e nos encoraja a lutarmos e também resistirmos constantemente a essa alienação e exploração que nos assola há anos. Aprendemos que o caminho para construir a democracia popular passa, necessariamente, pelo diálogo efetivo e pelo debate público e transparente da nossa experiência social e política, que não há democracia sem participação popular e organização coletiva e, que, para construir uma nova sociedade, é preciso denunciar e lutar contra os mecanismos de exploração, os preconceitos de todas as naturezas e a dominação de classe e, ao mesmo tempo, lutar com esperança e criar mecanismos solidários de defesa, proteção e acolhimento.

Na leitura que fizemos até aqui, fica explícito não participação e privação do povo nos processos de cunho social, histórico, cultural, político e econômico. A luta é “grande”, mas a vontade de justiça é maior ainda. Podemos compreender o quanto suas obras nos remetem à situação em que vivemos, elas são muito atuais. O incômodo de membros de uma parcela da classe dominante com a presença dos trabalhadores em aeroportos, universidades, restaurantes e demais espaços, antes frequentados somente pela classe dominante acostumada a mandar e ser servida, e o diálogo proposto com uma sociedade que iniciava seu processo de transformação, sofreu, na atualidade, um golpe, assim como o processo vivido por Paulo Freire na década de 60. O objetivo do golpe foi dificultar ou impedir que a população tivesse acesso às letras (e também que ele manifestasse o seu pensamento), reivindicasse o seu lugar de pertencimento nas diversas esferas da vida social, pois, enquanto os filhos da burguesia eram formados na Europa nesses traços da colonização, as pessoas comuns foram reprimidas e, agora, novamente, a burguesia demarca as estratégias do poder para manter a sociedade fechada.

Vimos também que as indagações são diversas e inúmeras, mas tentamos respondê-las através de nossos enfrentamentos diários e força que nunca nos faltou. Continuemos no caminho da rebeldia, resistência, participação, diálogo, coragem e amor, que são algumas alternativas para uma sociedade mais justa e democrática.

Como apresentado no referido capítulo, o mestre Freire faz um retrospecto da nossa história, citando autores consagrados no estudo do contexto sócio-histórico-cultural em que se deu o processo de colonização das nossas terras, como e por que carregamos até hoje essas marcas de uma colonização de expropriação, dizimação e exploração marcadas com o requinte da crueldade e também de acumulação nas mãos de poucos em detrimento da exploração de muitos. Infelizmente ainda estamos sob o poder daqueles que se negam a construir uma nação e um

país democrático e transformam aquilo que, segundo André João Antonil, era o domínio através de 3 P, pau, pão e pano para os escravizados e que hoje se transformou no domínio da bancada 3 B, bala, bíblia e boi no Congresso Nacional.

A atualidade da análise de Paulo Freire novamente foi destacada no grupo, quando elencados os desafios da construção da democracia concreta, como sabedoria de vida. Neste sentido, refletimos, também, acerca do contexto em que o livro foi escrito (da Guerra Fria e de ditaduras assolando a América Latina) e, naquele momento, Paulo Freire dialoga com importantes intelectuais que contribuíram, em diversas áreas, em estudos e pesquisas sobre o Brasil e a América Latina em sentido amplo, tais como a então denominada Teoria da Dependência, da natureza do Estado e do capitalismo que por aqui se desenvolve, assim com as contribuições do ISEB.

Um aspecto que não podemos deixar de notar é a absoluta ausência de mulheres intelectuais nas referências de Freire e também a ausência de menções às lutas e resistências populares, tais como Canudos, Cabanagem, Revolta dos Marinheiros, Quilombo dos Palmares, entre outros. Atualmente tem havido uma importante construção acerca da busca de superação dos silenciamentos epistêmicos, e, aproximar Freire desta construção nos parece salutar, pois sua intenção sempre foi a construção de conhecimentos com todas e todos em vista à transformação da sociedade. Inclusive, lembramos que em Pedagogia da Esperança o autor situa seus diálogos com representantes do movimento feminista norte-americano e nos fala de seus aprendizados com estas mulheres acerca do sexismo e o do machismo, que também expressa em sua escrita.

Desse modo, devemos, sim, pensar numa educação que seja libertadora no sentido de luta, transformação, e sabemos que essa passa pelo nosso cotidiano, pela superação do processo de política educacional que ocorre pelos dominantes para o povo. A educação precisa ser compreendida como uma ação política e cultural e entender essa relação como Freire pontua é perceber que, no processo educativo, toda prática implica uma concepção de sujeito, formação, sociedade e isso é intencional. Por isso, emerge um convite para pensarmos: que sociedade temos e qual almejamos? Como lutaremos para avançar, conscientes da nossa concretude?

Coletivo NESEF de Estudos em Paulo Freire do estado do Paraná.

Carta III – Pela Coragem - SC

Florianópolis, julho de 2021

Olá, colegas do NESEF, saudações freirianas!

Em nosso 3º encontro, tivemos uma mudança na configuração do grupo. Antes havia dois grupos da Grande Florianópolis, mas como estávamos com poucos

integrantes em cada um, resolvemos nos juntar. Sendo assim, tivemos uma discussão mais rica e profícua.

Conversando sobre os capítulos 2 e 3, mais uma vez, percebemos o quanto o texto de Paulo Freire é atual e nos ajuda a refletir e entender a realidade que estamos vivendo no país hoje (mesmo tendo sido escrito em 1965 durante o seu exílio no Chile).

Discutimos sobre a História do Brasil, marcada pela violência com um inegável legado na sociedade brasileira atual, o processo de colonização nada pacífico que resultou no extermínio de milhares de indígenas, a escravatura cruel, o Golpe Militar de 64, entre outros fatos históricos. O que acabou nos tornando em grande parte, um povo submisso, acomodado e com pouca participação política. Segundo Paulo Freire, somos um povo com inexperiência democrática, devido às poucas vivências comunitárias que tivemos historicamente.

Buscando refletir sobre o campo da Educação, ponderamos o quão é importante a contribuição do educador brasileiro para o estabelecimento de uma educação crítica e problematizadora, facultando o processo de emergência popular. Mas, sabemos o quanto é desafiador o trabalho docente porque, entre outras dificuldades, a classe média sempre está em busca de ascensão e privilégios e, temendo a sua proletarização, trava qualquer avanço popular. Somente com muita coragem o educador progressista atuará para a decisão, para o desenvolvimento da responsabilidade social e política dos estudantes. Como Freire, buscamos uma prática educativa do “eu me maravilho”, e não apenas do “eu fabrico”, que possibilite que mulheres e homens discutam a sua problemática. Aprendemos que uma Educação centrada na palavra vazia é desvinculada da vida e que a criticidade é a nota fundamental da mentalidade democrática. “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (p. 127).

Caros colegas do NESEF, nesse encontro lançamos algumas questões para reflexão: O que teria sido a sociedade brasileira se não tivesse ocorrido o golpe de 1964? Qual é o nosso projeto de nação? Qual a nossa identidade?

Por fim, gostaríamos de ressaltar que participar do Ciclo de Leituras e Estudo de Paulo Freire tem contribuído muito para o nosso aprendizado, tanto pessoal como profissional, uma vez que para alguns de nós o contato com as obras de Freire foi na graduação (e se restringiu a esse período) e, para outros, está sendo uma oportunidade de reencontro com suas palavras. Os encontros e a troca de cartas têm sido de suma importância para uma reflexão mais profunda sobre os ensinamentos de Freire, permitindo-nos, também, assumir uma postura política consciente e crítica diante das adversidades complexas atuais.

Com todo afeto, Grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar” (Freire).

Carta IV - NESEF

Curitiba, agosto de 2021

Olá, grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar”!!!

Fui na sapataria retirar os papéis.
Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista.
Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.
(Carolina Maria de Jesus)¹

Agradecemos imensamente a belíssima carta que recebemos de vocês no mês passado e aproveitamos o ensejo para responder a algumas questões que vocês levantaram, além de compartilhar os pontos centrais discutidos no debate que fizemos do terceiro capítulo, em especial, da noção de sujeito presente na obra de Paulo Freire. (acrescentar ou modificar à vontade)

Iniciamos nosso encontro lendo uma epígrafe de Carolina de Maria de Jesus. Sua mensagem é forte, direta e denuncia seu tempo (tempos da ditadura empresarial-militar brasileira), mas é também muito atual na medida em que mostra o que vemos e ouvimos, ainda hoje, nas manifestações virtuais e de rua promovidas pelos grupos de extrema-direita em favor da intervenção militar.

O Brasil daquela época, retratado por Carolina e Freire, estava vivendo um momento de transição e de movimentos populares que poderiam culminar em emergência popular, vista por Freire como uma possibilidade de o povo sair de sua condição de passividade. Isso se daria por meio de uma educação crítica e criticizadora, que o fizesse refletir criticamente sobre sua condição perante a sociedade; uma educação corajosa, como vocês bem pontuaram, não verbosa, palavresca ou impositiva, mas que dialogasse com o sujeito, que o colocasse diante de seus problemas e de sua realidade a fim de modificá-la. O educador teria um papel muito importante nesse processo, o de incutir nesses sujeitos o gosto pelo debate, pela discussão ativa e política de sua realidade.

Essas reflexões trazidas por Freire nos levam a refletir sobre quais os “papéis” da educação em tempos atuais. A disseminação das tecnologias, principalmente nesse momento de pandemia, o ensino remoto, o desmonte do Estado social, a implantação de reformas “educacionais”, bem como a padronização do ensino por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), colocam o educador diante de grandes desafios em que a educação, direito legalmente constituído, se torna uma mercadoria a serviço de interesses de classes. O binômio tecnicismo-humanização desloca-se para uma posição estritamente tecnicista, formadora de mão de obra para atender aos

¹ JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Abril Educação, 2013.

interesses do mercado, desvinculados de uma formação humana, crítica e integral.

Esses mecanismos, criados por uma elite e trabalhados com força pela classe média, vão colocando as classes populares em um estado parasitário e a BNCC é um exemplo disso, ao retirar disciplinas fundamentais para a construção do pensamento crítico, como Filosofia e Sociologia. Não interessa ao capital a formação de sujeitos pensantes, críticos e políticos, que possam, em algum momento, emergir, mas indivíduos que sirvam aos seus interesses, de preferência, passivos e acrílicos. As reflexões de Freire são muito atuais, inclusive nas análises dos mecanismos de dominação e de segregação social.

Assim como antes, é arriscado a rebeldia em busca de transformação cair no jogo emotivo da elite dominante que leva ao sectarismo. Notamos uma polarização sem fundamento guiada pelo clima de pós-verdade em que não se aprofunda a reflexão sobre os fatos. Desta forma, muitos se deixam guiar por “fake news” produzidas para pulverizar o necessário diálogo sobre a realidade negacionista, antidemocrática, fascista, obscurantista e golpista que está presente em nossas relações, principalmente política.

Aliás, em certo momento da carta, vocês levantaram algumas questões a partir das quais gostaríamos de interagir. Uma das perguntas que vocês fizeram foi: o que teria sido a sociedade brasileira se não tivesse ocorrido o golpe de 1964? Esta é uma questão complexa e para respondê-la teríamos que dar um passo atrás na nossa história buscando imaginar outra sociedade, bem diferente desta na qual vivemos hoje e, com certeza, muito melhor. A história do Brasil, infelizmente, é marcada por uma sucessão de golpes organizados pelas elites com o intuito de se manterem no poder. Golpes que, via de regra, sempre contaram com a participação ativa de grandes empresários, latifundiários, do poder jurídico, políticos de direita e, claro, com a força do poder militar.

A nossa história se confunde com o militarismo, basta lembrarmos qual foi o papel dos militares na passagem do regime monarquista para o republicano, no período da ditadura Vargas, nos anos de chumbo, entre as décadas de 1960 e 1970. E que dizer sobre as constantes ameaças de todas as naturezas, principalmente militar, do governo genocida de Bolsonaro/Mourão? Isso prova que os militares têm, ao longo da nossa história, atuado fortemente no âmbito do poder político por meio de alianças com os setores do capital nacional e transnacional, através do apoio

Tanto quanto Nando Reis canta na música “Marvin”, Freire também nos coloca o desafio da não adaptação, pois não podemos nos acostumar com as respostas fáceis, os trajetos curtos e a vida resumida em cifras. Assim, Freire nos provoca para rebeldemente destruímos as gaiolas nossas de cada dia.

e do treinamento de agências norte-americanas, impedindo a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática.

Esta constatação, em parte, responde à razão por que encontramos tantas dificuldades para organizar um projeto de nação que possa responder às necessidades da população brasileira em sua plenitude. Um projeto com identidade própria que incorpore as diferenças e diversidades culturais e, que, sobretudo, crie condições de vida digna para todos(as) os(as) brasileiros(as), independentemente de suas crenças religiosas, cultura, cor e sexo e isso está longe de ser uma realidade.

A certa altura da discussão uma pergunta foi lançada: vocês acham que a compreensão de sujeito apresentada por Freire se aproxima ou tem influência do conceito iluminista de sujeito? Freire reflete a partir de referenciais da fenomenologia e, por vezes, parece se aproximar da idealização do sujeito iluminista, isto é, do sujeito que se emancipa através da capacidade racional e de seus desdobramentos. Entretanto, o século XX demonstrou exatamente o contrário, isto é, as duas guerras mundiais, os grupos extremistas nos anos 20, a Guerra Fria, os diversos regimes ditatoriais na América, os genocídios em diferentes partes do mundo, acabaram por corroborar factualmente a tese dos pensadores de Frankfurt, de que é a própria razão a produtora das catástrofes. O mal-estar, a cultura do sofrimento, a sociedade do cansaço, por exemplo, são resultados previsíveis de uma promessa racional de emancipação não realizada.

Por outro lado, Freire sustenta um aspecto de criticidade muito delineado no sentido de fazer do pensamento uma atividade crítica, ou seja, uma reflexão criativa que ultrapassa as palavras “verbosas”, encantadas com o canto das sereias dos “sopros de voz”, para se posicionar como palavra-verbo, isto é, palavra-ação, atividade de transformação do pensamento e da realidade. Acreditamos que esta reflexão é uma espécie de ponto de inflexão, a partir do qual podemos colocar em prática o desejo manifestado por Freire na Pedagogia da Solidariedade:

Uma vez, no início das minhas viagens pelo mundo, alguém me perguntou, não lembro onde, „Paulo, o que nós podemos fazer para segui-lo? Para seguir as suas ideias? “. E eu respondi: Se você me seguir, você me destrói. O melhor caminho para você me seguir é você me reinventar, e não tentar se adaptar a mim.²

[...] Comprei um pão às 2 horas.

E 5 horas, fui partir um pedaço já está duro [...]

O pão atual fez uma dupla com o coração dos políticos. Duro, diante do clamor público. (Carolina Maria de Jesus)

Saudações Filosóficas!

Coletivo NESEF de Estudos em Paulo Freire do estado do Paraná

² FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Oliveira de. Pedagogia da Solidariedade. Indaiatuba: Villa das Letras, 2009.

Carta IV – Pela Coragem - SC*Florianópolis, agosto de 2021**Olá, colegas do NESEF, saudações freirianas!*

Em nosso último encontro, pautamos as qualidades que Paulo Freire defendeu como indispensáveis aos educadores e educadoras progressistas. Essas qualidades não nos são apresentadas e sim, constituem parte da busca incansável para o exercício da docência que visa uma prática educativa progressista.

Assim sendo, debatemos sobre coragem, confiança, respeito e a amorosidade que rege, ou deveria reger, as relações humanas. Fomos enfáticos quanto às definições dessas qualidades, pois são qualidades que têm limiar muito tênue, de tal forma, que permite comportamentos estereotipados. Logo, é de suma importância encontrarmos o equilíbrio de nossas ações diante da diligência educativa defendida por Freire.

Diante dessas constatações, ressaltamos que a prática educativa exige uma postura humilde, capaz de perceber que nem sempre estamos certos e que o outro tem muito a nos ensinar, o que demanda de nós uma escuta ativa, que acolhe e integra de forma democrática cada ser que compõe o tecido social no qual estamos inseridos.

Por conseguinte, a amorosidade é uma qualidade que exige presença ativa para que seja exercida de forma assertiva, sem tender para os extremos. Como diz Freire, tem que ser forte e corajoso nessa prática, ou seja, há de ser uma amorosidade “armada” no sentido de estar atento e disposto à luta por melhores condições de ser e estar no mundo. E, desta forma, agir com o devido rigor e responsabilidade, necessários à prática educativa que se deseja progressista.

Destacando que ser corajoso não é não temer e, sim, agir apesar do medo. Que ser tolerante não é ser permissivo e, sim, ser capaz de discernir o que é legítimo do que é inadequado. E ser capaz de ouvir honestamente, pois só assim a acolhida é possível. Só assim a paciência é exercida na justa medida. Pois quando se busca o equilíbrio do exercício das qualidades indispensáveis ao nosso agir no mundo é que encontramos a medida certa das ações que favorecem a educação que Paulo Freire propõe para nossa prática. Por fim, esse encontro marcou o fechamento da leitura do livro Educação como prática da liberdade. E lembramos dos oprimidos brasileiros, cuja opressão tem sido exacerbada no obscurantismo beligerante deste contexto histórico. Quando até o essencial tem sido negado: a própria vida. Lembramos, então, das composições de Belchior, que por vezes retratam esses milhares de brasileiros, o homem simples, como aquele do poema de Neruda lido no primeiro encontro.

Deixamos, aqui, a letra e o link da canção “Pequeno perfil de um cidadão comum” para quem sabe, embalar o último encontro de vocês!

Era um cidadão comum como esses que se vê na rua
Falava de negócios, ria, via show de mulher nua
Vivia o dia e não o sol, a noite e não a lua
Acordava sempre cedo, era um passarinho urbano
Embarcava no metrô, o nosso metropolitano
Era um homem de bons modos
"Com licença, foi engano"
Era feito aquela gente honesta, boa e comovida
Que caminha para a morte pensando em vencer na vida
Era feito aquela gente honesta, boa e comovida
Que tem no fim da tarde a sensação
Da missão cumprida
Acreditava em Deus e em outras coisas invisíveis
Dizia sempre sim aos seus senhores infalíveis
Pois é, tendo dinheiro não há coisas impossíveis
Mas o anjo do Senhor, de quem nos fala o Livro Santo
Desceu do céu pra uma cerveja, junto dele, no seu canto
E a morte o carregou, feito um pacote, no seu manto
Era feito aquela gente honesta, boa e comovida
Que caminha para a morte pensando em vencer na vida
Era feito aquela gente honesta, boa e comovida
Que tem no fim da tarde a sensação
Da missão cumprida
Que a terra lhe seja leve³

Com todo afeto,

Grupo “Pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar” (Freire)

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA

jornalsisifo@gmail.comEditores: Geraldo Balduino Horn
Alexsander Machado

³ Compositores: Antonio Pecci Filho / Antonio Carlos Belchior. Fonte <https://youtu.be/8CUysEILwWg>